

APOCALIPSE: ESPERANÇA E RESISTÊNCIA

Paulo Lockmann

Resumo

Neste artigo o Apocalipsismo é apresentado como uma literatura periférica à teologia oficial judaica. Representa uma linguagem dos pobres e oprimidos em Israel e, mais tarde, da Igreja. Tenta mostrar que por ser uma literatura revelada-apocalíptica, visa inspirar e afirmar que Deus reina e se manifestará. Tudo para motivar e promover Resistência e Esperança. Conclui apontando aos capítulos 4 e 5 do apocalipse de João, mostrando que na exaltação do Cordeiro e sua vitória, está a vitória e esperança do povo.

Palavras-chave: *Apocalipsismo. Resistência. Esperança. João. Jesus. Cordeiro.*

Abstract

In this article, the apocalyptic literature is presented as peripheral to the official Jewish theology. Representing the language of the poor and oppressed in Israel and later of established Church. Attempts to show that by being revealed apocalyptic literature, aims to inspire and affirm that God reigns and will manifest here with us. Everything is to motivate and promote Resistance and Hope. Concludes pointing to chapters 4 and 5 of the book of Revelation, written by John, and showing that the exaltation of the Lamb and his victory is a victory and hope of the people.

Keywords: *Apocalypticism. Strength. Hope. John. Jesus. Lamb.*

1. Começando em nosso chão

Para falar de Esperança e Resistência na Bíblia, os apocalipses são uma leitura extremamente apropriada, como vamos mostrar, mas antes vejamos por que é decisivo tratar deste tema.

Vivemos uma época onde a esperança é o que ainda nutre os pobres em nossa América Latina. Eles são iludidos e dominados por inúmeros messias, que emergiram no decorrer de nossa história de opressão e exploração da América Índia.

O branco que veio para enriquecer e dominar segue recusando à maioria do povo um destino justo neste continente próspero em seus recursos naturais. O caudilhismo de diversos tons se apropriou da terra e da história, quase sempre contada na versão de quem a domina. Assim fizeram os historiadores gregos e romanos, transformando seus generais em verdadeiros heróis, mas nós sabemos que Perón, Getúlio Vargas, e os vários generais das ditaduras, sequestraram do povo o direito de construir sua própria história.

A cultura messiânica defende que o povo não é capaz de se libertar, e precisa de “heróis messias” que o libertem. Isto pede resistência e ela existiu, semeada de muita esperança. Mostrou que o povo pode, sim, ser sujeito de sua própria história, guiado pela fé não como legitimadora da dominação, mas inspiradora de esperança e resistência. Disto fala intensamente o Apocalipse de João.

2. A Apocalíptica como linguagem de esperança e resistência

A Apocalíptica é fruto de uma contingência histórica, em todas as suas aparições e suas motivações, que estão na história do povo de Deus.

Concordo com Ernest Käsemann quando diz que a Apocalíptica é a mãe da Teologia Cristã, mas isto não é suficiente para entendê-la; nem a leitura meramente histórica do texto resolve a questão do gênero apocalíptico, e é capaz de abrir completamente o texto para nosso entendimento.

Antes de prosseguir, deixem-me mostrar o que Dr. Severino Croato descreveu como princípio gerador da Apocalíptica: “... o projeto teocrático dos que voltaram da Babilônia gera por sua vez outro grupo contestatório, o dos visionários, representado pelo 2º Zacarias (cap. 9–11) e 3º Isaías, embora existam distâncias demasiadas entre as duas obras. Por trás destes “visionários” começaria a se perfilar a tendência apocalíptica, cujo primeiro traço sociológico é o fato de serem marginalizados do ‘estabelecimento’ do religioso-político”. Aqui fica claro que do mesmo modo que os “videntes” de Israel constroem uma teologia periférica em resistência à teologia oficial dos Mestres, revelando, além da Torá, os desígnios de Deus. Os cristãos primitivos começam desde o conteúdo revelatório da Apocalíptica a responder os momentos de perseguição religiosa e opressão, resistindo e semeando esperança.

Isto é importante, ainda hoje, pois tira a apocalíptica da prisão do hermetismo e futurologia que se multiplicam há séculos no mundo cristão. Não anula, obviamente, a projeção futura que toda palavra revelada tem, mas fortalece a natureza presente da intenção dos seus autores. Não mais somente guerra e catás-

trofe, mas a caminhada de esperança fortalecida na fé em um Deus que é Senhor da história.

Nestes espaços históricos adversos a Israel e à Igreja, a Apocalíptica vai encontrar o ambiente propício para o desencadeamento de um processo que tem muito de didático sapiencial, por expressar uma tentativa de fortalecer a fé do povo no meio de uma crise de insegurança da comunidade.

3. Momentos no desenvolvimento da Apocalíptica

A) Para buscar fugir de um mundo insuportável, o autor sai do presente imediato para descrever, em cima de fatos presentes, o futuro no qual Israel e/ou a Igreja iriam encontrar a restauração. Para chegar ao conhecimento de Deus, os autores dessa literatura interrogam primeiramente os oráculos anteriores, como já haviam feito os profetas. *“Sim, fizeram o seu coração duro como diamante, para que não ouvissem a lei, nem as palavras que o Senhor dos Exércitos enviara pelo seu Espírito, mediante os profetas que nos precederam; daí veio a grande ira do Senhor dos Exércitos” (Zc 7,12). E ainda: “Mas, nos dias da voz do sétimo anjo, quando ele estiver para tocar a trombeta, cumprir-se-á, então, o mistério de Deus, segundo ele anunciou aos seus servos, os profetas” (Ap 10,7).* Sim, a inspiração passa pelo conceito de que “...não haverá de se cumprir tudo que fora anunciado pela boca dos profetas?” Daí então, aparecem os sistemas de aproximação inspirados nos postulados literários, de uso comum nos escritos judaicos, como paralelismo, a simetria, e a gradação. Encontramos o paralelismo no livro dos Jubileus, onde o autor, classificando a história do mundo em semanas de anos e jubileus, manifesta a crença em determinados ritmos históricos com ciclos de certa forma semelhantes. No Apocalipse das Semanas, inserido no livro de Enoque, a história do mundo divide-se em dez semanas. O paralelismo, embora complexo, continua a aparecer. Do paralelismo passa-se com facilidade para a simetria inspirada no princípio da reconstituição. Segundo tal sistema, o fim deveria corresponder ao princípio. Assim, o livro dos Jubileus parece prometer à humanidade a longevidade (23,27) e o quarto livro de Esdras faz o mundo retornar, no fim dos tempos, ao silêncio primitivo (7,30).

Enfim, a crença que os acontecimentos atuais são apenas preparação e sombra das realidades futuras inspira o processo literário da gradação.

Uma nova ordem sucederá a este mundo transitório, ilustra isto a palavra de Paulo aos Coríntios (1Cor 13,10). A restauração do Santuário no Apocalipse das Semanas é progresso para a restauração final que acontecerá na glória do fim.

Assim, no nosso Apocalipse de João, os setenários regulam-se não apenas segundo certo paralelismo, mas mediante gradação constante: os flagelos, que anteriormente só atingem uma parte das criaturas, acabam sendo universais.

B) Ao obter o conhecimento dos desígnios de Deus, o autor foge ainda mais da realidade que o faz sofrer, situando-se no sobrenatural, em nível dos eventos divinos, lá onde o ser humano imagina um reino de justiça, e assim renova sua esperança. Para animar os fiéis que sofrem, os autores dos apocalipses querem torná-los conscientes de que Deus está disposto a intervir, entrando em suas lutas com sua soberania e poder. Então os desígnios de Deus haverão de se cumprir e nada poderá impedir que isso aconteça. Assim, no quarto livro de Esdras, a mulher que lamenta a morte do seu unigênito e depois se torna resplandecente de glória é Sião, que não é poupada pelos tormentos. Em nosso Apocalipse, por exemplo, a enumeração dos eleitos no capítulo 7 fortalece a confiança antes de soarem as sete trombetas do capítulo 8.

C) A evasão desta penosa realidade completa-se com a descoberta dos últimos objetivos de Deus que lhe justificam a ação. Os autores apocalípticos perscrutam a história para compreender-lhe o sentido. A descoberta do sentido desvela a razão e acaba com o escândalo gerado pelas provações que se abatem sobre o povo. Assim em nosso Apocalipse, se Deus não intervém é porque o número dos eleitos ainda não está completo. Os fins últimos de Deus são provados e garantidos pelo próprio ritmo da história, garantido pelo “Pantocrator”: “... o todo-poderoso aquele que era, que é, e que há de vir...” (Ap 4,8b). Isto se vê também no Doc. Sadoquita, no livro de Enoque, como também no Apocalipse de Baroque sírio, onde as diferentes idades do mundo são simbolizadas por diferentes ondas, escuras e brancas. Dá-se o mesmo, enfim, no livro de Jubileus, que divide a história em períodos, cada qual com sete semanas de anos, subdividindo-as por sua vez em iguais períodos de jubileus e jubileus de jubileus.

Por fim, no Novo Testamento, em comparação com estes outros Apocalipses, o sujeito é, maiormente, Jesus Cristo. O Cordeiro de Deus que é mantido inicialmente oculto por Deus, é no Apocalipse de João que se revelará como Juiz supremo. Por isso, este momento é chamado corretamente de Apocalipse: “*Apocalipse de Jesus Cristo, que Deus lhe deu para mostrar a seus servos as cousas que hão de acontecer*” (Ap 1,1). A verdade é que foi João que consagrou a palavra Apocalipse ao usá-la para caracterizar o conteúdo da sua mensagem. Prova disto é que os escritos posteriores passaram a usar a mesma designação, e a crítica bíblica na história da Igreja transformou em título deste gênero literário.

4. Aproximação exegética ao Apocalipse de João

Vamos sinalizar elementos que, sem serem conclusivos, nos ajudam a entender o Apocalipse de João. Reconhecendo que o próprio João se intitula a si mesmo como profeta e seu escrito como profecia: “*Bem-aventurados os que leem e aqueles que ouvem as palavras desta profecia...*” (Ap 1,3).

As afirmações teológicas do Apocalipse estão codificadas em linguagem figurativa. Antes de qualquer exame dessas afirmações, observemos quais foram

as condições em que o livro foi escrito, seu conteúdo e a metodologia de interpretação empregada.

A) Origem e unidade da obra

O problema da origem é, ao mesmo tempo, o problema da composição literária. Está aí a questão da unidade do Apocalipse. Teria tudo provindo de um só autor? O problema tem sido sentido e debatido desde o século passado. A dificuldade inicial tem estado na incapacidade de encontrar uma linha interpretativa presente no livro todo. Não vou entrar na consideração das várias hipóteses e soluções indicadas. Entretanto, tem sido comum à maioria dessas interpretações a conclusão da unidade do escrito, não importando qual o caminho trilhado para aí chegar. As fundamentais são: a) hipótese redacional, b) hipótese das fontes e c) hipótese fragmentária. Em minhas pesquisas tenho optado pela conclusão da unidade do escrito, porque me dei conta de certos paralelismos e outros artifícios literários que reaparecem ciclicamente ao longo de todo o texto: a perpetuidade da antítese, o anjo e o dragão, Babilônia e Jerusalém, as duas testemunhas e a Besta. São imagens que se contrapõem para expressar os mistérios e a luta perene entre o bem e o mal. Percebe-se também uma periodicidade na posição da antítese capaz de ser controlada: a) no fim das visões preparatórias que precedem ao setenário, e b) em cada sexto momento do setenário, exceto no das cartas. No primeiro caso, comparando as duas séries (6,12-17 e 14,17-20), nota-se que a correspondência está mais no conteúdo do que na forma. No segundo caso, confronte-se o que ocorre ao romper do sexto selo (6,12-17) e o soar a sexta trombeta (9,13-21) e o derramar da sexta taça (16,12-16). Todas as ações simbólicas preludivam algum acontecimento que diz respeito tanto às forças do mal e aos homens, seus aliados, quanto aos eleitos: estes últimos são representados pelos cento e quarenta e quatro mil (7,1-17) e pelas duas testemunhas (11,1-14). Faz-se alusão à sorte dos eleitos só depois de se derramar a sexta taça (bem-aventurado o que vigia... 15,16), mas 19,1-10 falará sobre os eleitos amplamente...

Nota-se outro indício da unidade na composição setenária do Apocalipse. Esse elemento já fora percebido por André da Capadócia, no século VI. Lohmeyer e Lemertz dizem a mesma coisa em nosso tempo. O Apocalipse anuncia nominalmente quatro setenários: sete igrejas, sete selos, sete trombetas e sete taças. O setenário é um dos importantes elementos na estrutura do Apocalipse em relação com esta questão da unidade. Além disso, sinto que se trata de um documento historicamente engajado na vida da comunidade primitiva. É sem dúvida um documento de apelo profético à igreja de João, muito embora essa linguagem profética seja bastante singular. Observemos o tom básico da propagação do escrito. O capítulo 19 ocupa lugar fundamental na hermenêutica, pois nos oferece um quadro acerca de como as profecias do livro se dão a conhecer por intermédio do binômio: visão e redação. Este fato inicial relembra, em parte, a literatura

apocalíptica veterotestamentária (Ez 43,12). Não obstante, há diferenças já nos dados da origem. O autor não se oculta num pseudônimo, como naquela época, mas citando seu nome dirige-se diretamente à igreja, no prefácio, em forma semelhante à de uma carta (1,4-8). O autor apresenta-se, então, com o seu nome, às sete principais igrejas da província romana da Ásia (2,1-8.12.18; 3,1.7.14). “João”, o autor, é tudo o que sabemos a respeito dele, além da descrição de seu exílio na ilha de Patmos. Não é possível afirmar categoricamente que era João o filho de Zebedeu, discípulo de Jesus, a partir do testemunho de Pápias de Hierápolis, e Policarpo de Esmirna, os quais afirmaram que o conheceram em Éfeso.

O fato de o autor ter escrito no desterro nos ajuda a situar a origem e o ambiente histórico do documento. Os primeiros desterramentos de cristãos aconteceram no fim do reinado de Domiciano (81-96 dC), aliás como já enunciara Ireneu (Haer 5.30.3). Nos últimos anos de seu governo, Domiciano reivindicava com crescente insistência honras para si, como se fora um Deus, tomando medidas repressivas contra todos os que se opunham às suas pretensões. Essas circunstâncias teriam, possivelmente, motivado em grande parte a redação do Apocalipse de João.

B) Conteúdo

Para caracterizar o conteúdo do Apocalipse de João, o texto de 1,19 nos dá a indicação do tema: “Escreve, pois, o que viste: tanto as coisas presentes como as que deverão acontecer depois destas”. A revelação que é dada a João pelo “filho do homem” glorificado divide-se em duas partes: a profecia para o presente (o que é), nas sete cartas (caps. 2 e 3), e a revelação do futuro (o que acontecerá depois) (caps. 4 a 22). Temos, assim, o seguinte esquema:

Introdução (1,1-20)

1. A revelação para o presente (2,1-3,22)
 - 1º ciclo, as sete cartas
2. A revelação para o futuro (4,1-22,5)
 - 2º ciclo, introdução à perspectiva do futuro (4,1-5) e os sete selos (6,1-8,1)
 - 3º ciclo, as sete trombetas (8,2-11,15)
 - 4º ciclo, o dragão e o cordeiro (12,1-14,20) (o poder do mundo e a Igreja de Deus)
 - A mulher com a criança e o dragão (12,1-18); as duas bestas (13,1-8), a consumação em Cristo (14,1-20)
 - 5º ciclo, as sete taças (15,1-16,21)
 - 6º ciclo, a queda de Babilônia (19,11-22,5)
 - Final (22,6-21)

É bastante interessante a revelação do futuro apresentada numa visão de ciclos de episódios, marcada pelo segundo ciclo que a inicia. Esta parte começa com a visão daquele que está no trono e com o cordeiro (4,1-4): o Cristo glorificado é incumbido de executar o juízo de Deus. Segue-se uma série de ciclos de visões (sete selos, 6,1-8,1); sete trombetas, 8,2-11,19, sete taças, 15,1-16,21). O esquema desses ciclos é tal que a última visão de cada um conduz imediatamente ao seguinte (8,1; 11,15; 15,5; 16,1). Ainda há outro princípio de estruturação: entre o sexto e o sétimo selos, (7,1-17) e a sexta e a sétima trombeta (10,1-11,14) forma intervalos introduzidos. A visão é desviada dos acontecimentos mundiais e dirigida à Igreja de Deus. Nos acontecimentos derradeiros defrontam-se, entretanto, dois parceiros: o mundo e a Igreja de Deus. O ciclo de visões dos capítulos 12 a 14 ocupa lugar especial. Nele, os dois protagonistas dos acontecimentos derradeiros são confrontados como se fosse em forma ampliada. Trata-se de um pequeno apocalipse dentro do outro maior. O penúltimo ciclo, a queda de Babilônia (17,1-19,10) refere-se ao fim da história mundial, com a revolta da humanidade contra o criador. Vem em seguida a série final de quadros (19,11-22,5) com a descrição do final da história do mundo.

C) Do capítulo 4 à exegese do capítulo 5

Das visões do capítulo 4 ao 5 temos uma das chaves hermenêuticas para a compreensão da obra de João. Aqui, o ponto-chave dos acontecimentos é o código que abre o relato: a glorificação de Cristo, e não a visão ou posição do vidente. A glorificação de Cristo é o objetivo dessa visão. Ela está diretamente presente no relato da primeira visão do filho do homem glorificado no capítulo inicial. A visão, a partir do quadro do capítulo 4, representa a montagem de um fundo real e glorioso para aquele que no capítulo seguinte é digno e vitorioso: o cordeiro. A entrega do livro de selos ao cordeiro é uma forma de legitimação do poder de Deus para julgar, confiada agora ao Cristo glorificado. O Apocalipse intenta, portanto, representar a superação de uma história mundial por meio da glorificação do crucificado, que vence a violência e a morte. Essa conclusão pode ser tirada dos capítulos 4 e 5 e confirmada pelo pequeno apocalipse dos capítulos 12 a 14. O acontecimento decisivo é o nascimento do salvador do mundo e o seu arrebatamento ao céu.

Este anúncio se inspira e depende das tradições veterotestamentárias sobre o domínio do Messias, iluminadas por uma linguagem apocalíptica presente em vários paralelismos.

Não há dúvida de que a leitura dos capítulos 4 e 5 nos remete a profetas como Ezequiel e Isaías, ou ainda à tradição da Torá e a temas como a justiça de Javé, o poder de Javé. A expressão pantocrator (todo-poderoso) encontra-se usualmente na Septuaginta, e seria indicativa da fé naquele que pode vencer o Império e a sua violência.

Vejamos alguns influxos do Antigo Testamento nos capítulos 4 e 5 do Apocalipse:

- Êxodo 19,16 “O som da trombeta era forte e Moisés falava e Deus lhe respondia.” Temos aí um quadro fixador da tradição: a teofania do falar de Deus com Moisés em meio ao som da trombeta.
- Apocalipse 4,1 “A voz que eu havia ouvido antes, como voz de trombeta que falava comigo, me dizia: Sobe aqui...”
Trata-se de um exemplo de tradição herdada do Antigo Testamento. Ouvir a voz de Deus é como um soar de trombeta, para estar com Deus é necessário subir.
- Isaiás 6,1 “Vi o Senhor sentado em um trono excelso e elevado...”
- Apocalipse 4,2 “No instante caí em êxtase. Vi que um trono...”
- Ezequiel 2,9-10 “Vi uma mão que estava estendida para mim, e tinha dentro um livro enrolado... escrito pelo verso e reverso...”
- Apocalipse 5,1 “Vi também na mão direita do que está no trono um livro, escrito pelo verso e reverso”.
- Daniel 12,4 “Tu, porém, Daniel, encerra as palavras e sela o livro, até o tempo do fim...”
- Apocalipse 5,2 “Eu vi um anjo poderoso que proclamava... quem é digno de abrir o livro e soltar o selo?”

Este influxo é tanto maior quanto mais procurarmos estreitar os paralelos, em nível semântico, por exemplo. Porém, entendemos que a ilustração dada já indica a dependência temática teológica e até mesmo de paralelismo literário, no que concerne a técnica e artifícios.

D) Uma das possíveis exegeses do texto do capítulo 5

Enquanto o capítulo 4 se detém na apresentação da grandiosidade da corte divina e dos atos de homenagem e adoração, o capítulo 5 acrescenta a narrativa do que ocorre nos átrios do trono de Deus. Tais acontecimentos dão início ao drama escatológico que daí para frente vai se desenrolar diante dos olhos do vidente. O rolo, nas mãos de Deus, está escrito dos dois lados (dando ênfase à riqueza do conteúdo do livro). Os sete selos encontram no mundo grego certo referencial cultural: quem enviava um manuscrito o selava e seis testemunhas juntavam a esta os seus selos. Em momento algum se menciona o conteúdo desse livro. Diz Alfred Wikenhauser: “Contudo, apesar de João não o dizer, não é difícil determinar qual era, em conjunto, o conteúdo do livro. Se, de fato, o drama escatológico começa com a abertura dos selos, podemos ter certeza de que o rolo contém os decretos divinos relacionados com o cumprimento da salvação.”

O quadro da aflição que segue à pergunta (5,2) indica a ausência do ressuscitado, do autor da salvação e do juízo de Deus. Esta cena mostra o momento decisivo da história. Ninguém é capaz: nem na terra, nem debaixo da terra nem no céu. Outro elemento, é que existe evidente paralelo entre o desespero do vidente e o pasmo do discípulo ante a crucificação e morte de Jesus. O momento da visão do cordeiro marcado pela morte – degolado – mas vitorioso – sete chifres e sete olhos – indica o seu poder e o seu conhecimento. Esta hora indica a hora da ressurreição de Jesus Cristo, o cordeiro de Deus. Essa visão quer mostrar, antes de tudo, o Cristo como o único capaz de dar outro rumo à situação de violência e opressão do mundo, situação na qual o vidente em sua aflição e exílio está mergulhado. Realmente, ninguém, a não ser o Cristo, poderia revelar a justiça e o juízo de Deus, contidos no livro. Com esta possibilidade revela-se o sentido da história. Deus é o autor e o senhor da história. Seja qual for o confronto, ele será sempre o vencedor.

O quadro do cordeiro aparece 28 vezes no Apocalipse como símbolo particular do Cristo glorificado. Este quadro origina-se no cristianismo primitivo e se relaciona com a fé pascal e sua rica linguagem simbólica. No Novo Testamento encontramos com frequência a figura do cordeiro para simbolizar o Cristo. Examinemos algumas dessas passagens, começando pela mais antiga: 1Cor 5,7: “... *nosso cordeiro pascal, Cristo, foi imolado.*” A mesma coisa aparece em At 8,32; 1Pd 1,19; Jo 1,29 e 36. No Apocalipse de João a expressão grega *amnós*, comum nas passagens citadas, é trocada por *agníon* que, fora do Apocalipse, só aparecerá em Jo 21,15. No capítulo 5 *agníon* ocorre 4 vezes (v 6.9.12 e 13), onde Cristo é como quem venceu a morte, tendo morrido como um cordeiro sacrificial, e agora retorna com poder. Aparece como quem conquistou para Deus homens de todas as raças e nações. Em outras palavras, Cristo reina. Neste quadro simbólico, profundamente identificado com o Antigo Testamento, ele é também o cordeiro de Is 55,7, embora também seja o leão de Judá, símbolo de força e realeza. Por isso dele vem a superação do sofrimento e opressão.

No Apocalipse, a metáfora do cordeiro imolado, sustentada já anteriormente pela fé da comunidade, torna-se símbolo visionário da linguagem figurativa da apocalíptica. O vocábulo é diferente, mas o símbolo é o mesmo.

Em conclusão podemos dizer que este capítulo aparece claramente dentro da continuidade da obra de João. Inicia-se aqui um novo processo indicando o novo rumo da história. A chave é esta: o cordeiro recebe das mãos de Deus o livro dos sete selos (5,7). O sentido é que aquele que morreu por todos (5,9) está encarregado de executar os planos de Deus para a história, inclusive contra os que se opõem a Deus. O Senhor do momento escatológico conduzirá a história ao seu destino. Ele constitui, com sua morte e ressurreição, com os que foram comprados pelo seu sangue, um reino de sacerdotes. Todos os membros da *basileia* tornam-se sacerdotes, isto é, têm acesso direto a Deus e toda a sua vida é um culto.

O Apocalipse (em 5,8-14) não se ocupa com os detalhes da formação missionária da Igreja de todos os povos e seus aspectos exteriores. Indica, no entanto, o quadro de clamor e oração que o Império de Domiciano colocara perante a Igreja, tudo através do quadro de adoração centralizada no cordeiro, tanto no céu (os quatro seres viventes e os anciãos) como na terra (a igreja missionária de João e suas constantes orações que, como perfume, subiam até o céu nas taças em mãos dos anciãos). A compensação está no seguinte fato: os santos, uma vez feitos reino de sacerdotes, não reinarão no céu, mas sobre a terra. Trata-se de uma forma de indicar a nova ordem, a ordem do novo surgimento de Deus, conforme a esperança de Israel e da Igreja. Esse é precisamente o reino de Deus entre seu povo, por meio do primado do cordeiro – Cristo. São inúmeras, afinal, as exaltações ao cordeiro, até o final deste capítulo, assinalando o seu domínio e vitória (5,12-14).

Paulo Lockmann

Rua Marquês de Abrantes, 55

Flamengo

22230-061 Rio de Janeiro, RJ

Bibliografia

BRAKEMEIER, G. *Reino de Deus e Esperança Apocalíptica*. São Leopoldo: Sinodal, 1984.

CHARLES, R.H. *The book of jubilees or little Genesis*. London, London. A. and C. Black, 1902.

COLLINS, John J. *A Imaginação Apocalíptica*. São Paulo: Paulus, 2010.

CROATO, S. Apocalíptica e esperança dos oprimidos (contexto sociopolítico e cultural do gênero apocalíptico). In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana*. Petrópolis: Vozes, n. 7, p. 8-21, 1990.

GOPPELT, L. *Teologia do Novo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1976.

KÄSEMANN, Ernst. Os inícios da teologia cristã. In: *Apocalipsismo: coletânea de estudos*. São Leopoldo: Sinodal, 1983, p. 231-254.

LEMERTZ, P. *The Apocalypse of St John*. London: SCM Press, 1947.

PRIGENT, P. *L'Apocalypse de Saint Jean*. Paris: Delachaux et Niestlé, 1981.

VAULANT, A. *Le livre des secrets d'Henoch*. Paris: Institute d'Études, 1952.

VINCENT, A. Les manuscrits hébreux du désert de Juda. Paris: 1955. *Revue de L'Histoire des Religions*, 1956, n. 158, p. 248.

WAINWRIGHT, Arthur W. *Mysterious Apocalypse-Interpreting The Book of Revelation*. Nashville: Abingdon Press, 1993.

WIKENHAUSER, A. *El Apocalipsis de San Juan*. Barcelona: Herder, 1969, p. 95.